Da infância malvada ao encontro com o sagrado: trajetórias e histórias do campo no Nordeste e na Amazônia do século XX baseadas nas vivências de Dona Socorro

From a harsh childhood to an encounter with the sacred: rural trajectories and histories in the 20th-century Northeast and Amazon based on the lived experiences of Dona Socorro

Dalva Maria da Mota
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Brasil
Belém, PA
dalva.mota@embrapa.br
https://orcid.org/0000-0003-0027-5162

Roselany de Oliveira Corrêa
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Brasil
Belém, PA
roselany.correa@embrapa.br
https://orcid.org/0000-0002-7074-2953

César Martins de Souza
Universidade Federal do Pará, Brasil
Belém, PA
cesarmartinsouza@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-4530-4844

Recebido em: 29 de março de 2026
Aceito em: 23 de julho de 2026

Resumo:

No século XX, no Nordeste brasileiro, nasceu Dona Socorro, nossa protagonista, que depois migrou até chegar a Capitão Poço (PA), onde sua vida passou por mais um processo de transformação. O presente artigo é elaborado com base em diálogos com essa mulher que, mesmo tendo vivido experiências comuns à maioria das mulheres, construiu e reconstruiu sua vida tantas vezes e de tal forma que converteu o que seria comum na sua singularidade. A abordagem que trata das memórias femininas , da migração e da agricultura familiar, a partir de uma mulher, se aproxima do estudo de História Cultural, de Carlo Ginzburg (1990), pois ele parte de Menocchio para entender os desafios e dramas da Inquisição na Itália e essa mulher nos traz elementos para problematizar a sociedade, já que transita em diversos momentos esferas e práticas sociais, que sintetizam passagens do tempo e espaço em suas próprias vivências. A partir dela, podemos refletir sobre os problemas econômicos, as diversas formas de violência, a autonomia, o trabalho, as crenças e os impedimentos enfrentados por mulheres em uma sociedade que ainda considera os homens como preponderantes. Dona Socorro assume as dificuldades, opina sobre suas próprias trajetórias, demarca espaços e etapas de sua vida e nos possibilita aprofundar a análise dos dramas enfrentados por diversas mulheres no Nordeste e no Norte do Brasil.

Palavras-chave: Nordeste Brasileiro. Amazônia Brasileira. Campo. Memórias.

Abstract:

In the twentieth century, Dona Socorro was born in Brazil’s Northeast; she later migrated until she reached Capitão Poço, Pará, where her life underwent yet another process of transformation. This article is based on dialogues with this woman who, despite having experienced circumstances common to most women, built and rebuilt her life so many times that she transformed what would be ordinary into her singularity. The approach focusing on female memories, migration, and family farming through the lens of a single woman aligns with Carlo Ginzburg's Cultural History framework. Just as Ginzburg draws on Menocchio to comprehend the challenges and dramas of the Inquisition in Italy, this woman provides key elements to problematize broader societal dynamics, as she moves through various moments, spheres, and social practices that synthesize transitions of time and space within her own lived experiences. As a local reference in fish farming, she takes the lead in an activity that is predominantly male. Through her story we can reflect on economic problems, the various forms of violence, autonomy, labor, beliefs, and the obstacles faced by women in a society that still privileges men. Dona Socorro confronts difficulties, comments on her own trajectories, delineates spaces and stages of her life, and enables us to consider the dramas experienced by many women in Brazil’s Northeast and North.

Keywords: Brazilian Northeast. Brazilian Amazon. Rural Areas. Memories.

Introdução

O presente texto baseia-se em uma série de entrevista feitas com uma mulher que é singular, ao mesmo tempo que carrega as marcas de outras mulheres de seus tempos e de seus espaços: Dona Socorro. Nesse sentido, a proposta segue em um caminho parecido de uma história etnográfica, construída como Micro-história, em diálogo com a História Social, no consagrado trabalho do historiador Carlo Ginzburg (2006) intitulado *O queijo e os vermes.*

Esse livro que teve sua primeira edição italiana em 1976, e no Brasil, em 1987, provocou rebuliço por trazer o estudo sobre um homem Domenico Scandella, conhecido como Menocchio, que foi queimado pela Inquisição, em 1599. Não é a história de um personagem, mas a História, a partir da vida de um personagem, e uma história etnográfica, em que se adentra nos elementos culturais para entender, na vida do moleiro, as dinâmicas sociais, práticas culturais, estruturas políticas, religiosidade oficial e praticada pelos povos e comunidades, durante o período medieval. Ali, visões conservadoras sobre ser ou ciência, se uma pessoa que não é famosa ou um político por ser um elo fundamental ou não para entender sobre sociedades, desabam diante do olhar arguto e profundo do autor.

Falar em ciência de modo conservador, para que não se possa analisar a vida dessa mulher, como uma protagonista de um tempo, como trazendo luzes e obscuridades, tempos de violência, de vivências, de migração e de construções sociais a partir dela, seria uma forma de silenciar tantas vozes como a dela que trazem em si mesmas as marcas e a profundidade de tempos e espaços, de sociedades e práticas culturais. Não se relata experiências individuais com ela, porque ela não é uma ilha, já que vive em sociedades e em suas práticas sociais, nos territórios em que existe.

O método é entender esses desafios e construções coletivas, como o fez, sobre outro tempo, Ginzburg (2006), a partir da vida de uma pessoa, em nosso caso, uma mulher e entender esses mundos vivenciados por ela, que trazem elementos de lugares e tempos. Não se pode, obviamente, transcrever em um texto, horas de diálogos com a interlocutora e nem com qualquer outra pessoa, por isso a construção do artigo passa por seleção, em que fazemos recortes da entrevista, no sentido de trazer trajetórias, visões de mundo e construções culturais nas vivências dela. O escândalo provocado por Ginzburg, sobretudo nos anos 1980, infelizmente ainda existe, quando não se pode olhar

para uma mulher trabalhadora, e se enxergar a partir dela as possibilidades de olhar para sociedades, grupos, tempos e espaços, vividos por ela.

Ela é uma mulher de seus tempos e de seus espaços, que viveu no Nordeste e que vive na Amazônia e que traduz em si desafios de muitas mulheres. Não é nosso Menocchio, é nossa dona Socorro, e nela entendemos diversas possibilidades de dinâmicas sociais do campo, no Nordeste paraense, no Nordeste brasileiro e na Amazônia.

Ela é conhecida dessa forma, como Dona Socorro, com o "Dona" funcionando como parte de seu nome, por isso é assim que nos referiremos a ela ao longo deste texto. As entrevistas foram realizadas na casa e na propriedade dela, no município de Capitão Poço (PA), em algumas oportunidades, entre 2023 e 2024. Ao longo do artigo, não mencionaremos as datas das entrevistas para garantir a fluidez do texto. Frisa-se que todas as entrevistas foram realizadas em Capitão Poço no período citado.

Dessa forma, no presente texto se busca trabalhar o cotidiano de uma mulher migrante, como protagonista de si e em uma sociedade patriarcal e excludente, tanto no Nordeste brasileiro, quanto no Nordeste paraense, para entendermos como as mulheres do campo, agricultoras, piscicultoras, vivenciaram a produção do campo, e também o seu cotidiano, com namoros, casamento, violência masculina, religiosidade, a partir de suas próprias falas em descontraídas interlocuções conosco.

Esses momentos foram registrados não sob a forma tradicional de entrevistas, mas se concretizaram em diálogos nos quais interlocutoras conversam, problematizam, pensam juntas e suscitam novas temáticas e novas abordagens (Geertz, 1978). Recorrendo aos métodos e às técnicas da Antropologia, não nos detemos nas falas de Dona Socorro, mas nos demoramos em observar, dialogar, ouvir, para recolher elementos e depois escrever acerca da riqueza que estava diante de nós (Oliveira, 2023). Mais do que relatos de trajetória, este texto é uma maneira de olhar para a história das mulheres por outro ângulo, revisitando memórias de protagonistas.

Para a historiadora Rachel Soihet (1998), o machismo na sociedade patriarcal invisibilizou de tal forma as mulheres ao longo da História que tornou complexo encontrá-las nas fontes tradicionalmente utilizadas nas pesquisas, porque as mulheres foram excluídas da cena pública, em diversos tempos e espaços, em função de uma imposição da preponderância masculina. Para superar tais dificuldades enfrentadas pela pesquisa que traz à cena o protagonismo das mulheres, "criatividade, sensibilidade e

imaginação tornam-se fundamentais na busca de pistas que permitam transpor o silêncio e a invisibilidade" (Soihet, 1998, p. 83).

É nesse sentido que nos concentramos nessa mulher que nos fala de seus caminhos, das dificuldades com as quais se defrontou, na infância e na adolescência, na educação familiar e escolar, no casamento, no trabalho, na maternidade, para realizar seus sonhos e desejos. Quando fala de si, permite-nos pensar na sociedade, como o estudo de Ginzburg (2006) sobre o moleiro Domenico Scandella, que viveu no século XVI na região italiana de Friuli: um personagem esquecido na História pela maioria das pessoas traz até nós temáticas que não conseguimos encontrar nas fontes convencionais.

Dona Socorro não é nossa moleira, mas é nossa piscicultora. Em suas experiências, (re)descobrimos valores, problemas sociais, produção do campo, políticas, preconceitos e conceitos da sociedade em diferentes tempos de sua vida. Em sua singularidade, enxergamos os dramas e os desafios de milhares de outras mulheres, entre o século XX e o XXI.

Memórias, histórias e oralidades

Os estudos sobre oralidades e memórias baseados nos próprios protagonistas são fundamentais para a compreensão de ângulos pouco visitados nas sociedades contemporâneas, que podem julgar vivências, experiências e realizações das pessoas como algo de pouca relevância, diante de cenários globais. Contudo, como na clássica obra do historiador Carlo Ginzburg (1990), são as experiências dos sujeitos que nos possibilitam olhar para a História, não do micro para o macro, mas entendendo que cada indivíduo traz em si mesmo os eventos da História que marcam suas vidas, descobrindo o interior das vidas de pessoas desconhecidas do grande público.

Não são as grandes realizações que dão importância às pessoas, como afirma Michelle Perrot (1987) na magistral obra *Os excluídos da história.* A narrativa histórica, associada às memórias de pessoas desconhecidas do grande público, destaca a importância de olhar para elas e de nelas perceber as marcas de seu tempo e de sua atuação nele. É surpreendente descobrir que essas pessoas estiveram ali no palco do tempo, não como atrizes representando papéis, mas como humanos que se lançaram ao desafio de conduzir suas vidas, mesmo em cenários muitas vezes desfavoráveis, como ocorreu com a nossa interlocutora, Dona Socorro (Figura 1)

Figura 1- Dona Socorro na varanda, na cocheira, no tanque dos peixes e no jardim da sua residência



Foto: Dalva Maria da Mota, 2023.

Quem é ela? Ecléa Bosi (2009) ensina em *Memória e sociedade* que o fato de uma pessoa ter mais de sessenta anos não a transforma em pretérita; é, antes, uma pessoa que atravessou temporalidades e pode hoje compartilhar eventos que pessoas mais jovens ou de outros lugares não viveram, porque soma tempos passados aos tempos atuais em suas experiências vividas. Assim, pessoas que muito viveram podem dialogar sobre o tempo presente e o passado associados à sua existência. Um olhar pode ser lançado sobre o ser que permanece ativo, não como alguém que foi ou que pertence a um outro tempo. O tempo de Dona Socorro é ontem e hoje, enquanto ela pode rememorar e narrar momentos caros a ela e à sociedade, em que ela se vê como alguém que viveu uma história: "muito longa. […] Eu me lembro. Eu lembro demais das minhas professoras. Eu lembro demais delas" – palavras de Dona Socorro.

Dona Socorro lembra-se lentamente de uma longa história, não pelos marcos temporais hegemônicos, mas pelas trilhas de seus pensamentos, na ordem dos eventos que ela mesma reúne em meio a um emaranhado de afetos, de pertencimentos e de lugares, de pessoas e de coisas. Dona Socorro lembra-se demais das professoras. Ela é

uma mulher que atravessou tempos e espaços, que reconstruiu territórios e territorialidades em sua existência. Quando olha para suas memórias, vê a si e ao mundo, como quem revive sua própria vida.

A narrativa memorialística não se inicia com algo como "nasci em…". Ela não começa do início, pois os começos das pessoas são marcados de modos diferentes e diversificados. Para Jelin (2002), as memórias trazem à tona narrativas complexas porque remetem a um tempo não linear e porque envolvem não apenas quem narra, mas também associações com memórias de outras pessoas:

> Localizar temporalmente a memória, significa fazer referência ao "espaço da experiência" no presente. As lembranças do passado estão nas pesoas, porém de maneira diâmica, já que as experiências vivenciadas sobre um momento específico podem se modificar nas memórías em períodos posteriores.
> Há um elemento adicional nesta complexidade. A experiência humana traz vivêncais individuais, porém incorporandos experiências de umas outras nas outras, a partir da transmissão de memórias. O passao, portanto, pode se condensar ou se expandir, de acordo com a forma como essas experiências do passado são incorporadas em outros tempos (Jelin, 2002, p. 13)[1].

Dona Socorro tem uma longa história para narrar e pensa por onde começar. Começa, então, por suas professoras e pelos significantes a elas relacionados. Assim, tal qual explicitado por Jelin (2002), Dona Socorro reconstrói suas memórias, não no sentido linear, mas por meio das associações temporais que faz de sua vida, entre o presente e o passado, em um ir e vir constante. Os eventos associam-se na esfera do sujeito e não de acordo com recortes históricos ou lineares.

Quem pode determinar a ordem das memórias senão os próprios sujeitos que as vivem(viveram)? Não são as pesquisadoras que determinam o ritmo nem os temas, mas as memórias e os desejos de Dona Socorro. Por isso, Geertz (1978) rompe com a noção sujeito-objeto nas pesquisas de campo para estabelecer o conceito de encontro de intersubjetividades. Encontros de desejos, de memórias de mulheres: de um lado, a

[1]A passagem acima é uma tradução livre do trecho abaixo:
Ubicar temporalmente a la memoria significa hacer referencia al 'espacio de la experiencia' en el presente. El recuerdo del pasado está incorporado, pero de manera dinámica, ya que las experiencias incorporadas en un momento dado pueden modificarse en períodos posteriores. […].
Hay un elemento adicional en esta complejidad. La experiencia humana incorpora vivencias propias, pero también las de otros que le han sido transmitidas. El pasado, entonces, puede condensarse o expandirse, según cómo esas experiencias pasadas sean incorporadas (Jelin, 2002, p. 13).

pesquisadora nordestina e, de outro, a nordestina que migrou para a Amazônia e nessa região reconstruiu sua vida sob outra perspectiva.

Dona Socorro relembra as surras que recebia dos pais, como castigo que considerava quase justo, por se considerar uma menina malvada. Como é o olhar da mulher que se revê quando criança em retrospectiva? Como defende Bloch (2002), em um livro escrito nas masmorras nazistas, um fundamento básico dos trabalhos de História é o fato de o tempo ser irrepetível. De fato, mesmo quando o que é narrado não é revivido, é vivido por outro olhar, é marcado pelo momento em que a narradora se encontra.

> Pesquisadora: E lembra de coisas boas que aprendeu com ela [a professora]? Tem uma lembrança que a senhora nunca esqueceu?
> Dona Socorro: O divertimento era de noite. As meninas, nós se reuníamos, tudo vinha para brincar. Toda noite, eram umas 10 a 12 moças, se reuniam, tudo vinha para brincar. Aí brincava, meu lado direito está desocupado, cai no poço, brincava dessas brincadeiras, aquela que também... Como era, meu Deus, que eu agora me escondi da memória?

"Me escondi da memória" é uma frase forte que evoca significados de uma vida que enxerga no rememorar a oportunidade de reviver de outra forma, em outro tempo e com outro olhar. Não é um regressar no tempo, porque o tempo, como afirma Bloch (2002), é irrepetível; é o retorno de algo que quase revive quando se narra. Dona Socorro sente diversas emoções enquanto fala de si, porque se reencontra com sua própria vida, por isso, afirma que se escondeu da memória.

A oportunidade de narrar é como um momento em que sai do "esconderijo", para falar, por exemplo, sobre as noites de brincadeiras de meninas que trabalhavam de dia. No caso de Dona Socorro, brincadeiras e trabalho mesclavam-se com malvadezas porque ela se vê como uma menina "malvada", já que ressignifica a própria existência de acordo com os códigos ético-morais em que acredita no momento em que narra.

"Malvada" infância?

Para Dona Socorro, "naquela época, as coisas eram difíceis". A família era composta por pai paraibano e mãe potiguar, nasceram 23 filhos, mas morreram 12. Nordeste rural do século passado, relações sob o crivo de latifundiários e sem direitos

trabalhistas. O pai teve acesso à terra porque trabalhou para o Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS) na construção do açude de Lucrécia (RN) entre 1932 e 1934 e recebeu uma área de "vazante", denominação dada ao movimento das águas do rio no seu fluxo de encher e de vazar, associada à fartura de culturas de ciclo curto em razão do residual de matéria orgânica acumulado.

O açude de Lucrécia até hoje provoca debates sobre os impactos socioambientais no Rio Grande do Norte. Segundo Soares e Carvalho (2022), a obra tem problemas de gestão e suscita preocupações, porque é necessário armazenar água para a população e para a produção em seu entorno e, ao mesmo tempo, evitar o risco de ruptura da barragem, devido à falta de manutenção adequada e de inspeções de segurança. Embora represente atualmente um perigo para os moradores, o açude de Lucrécia, construído em 1943, foi uma importante obra do DNOCS, que trouxe melhorias significativas de vida para centenas de famílias, como a de Dona Socorro, que puderam vislumbrar outras possibilidades econômicas. Por isso, o açude aparece com força nas memórias de nossa protagonista.

Ali se fixou a família, "na beira do açude". As lembranças do pai são de um homem severo, honrado e muito trabalhador, que pescava, criava e plantava com a companhia dos filhos. Dona Socorro recorda que, com dez anos, já trabalhava na roça e em casa, levantava-se para trabalhar na ordenha das vacas nas proximidades do açude. Adoça as suas memórias o leite da "vaca preta" aparado no copo com açúcar e cheio de espuma para ser bebido na hora, quentinho. Ela afirma com convicção que "Assim a vida era para a gente ser criada". Voltando do açude para casa, ela carregava a água, que suportava em dois galões, cada um pela metade, suficientes para encher os potes de casa. Segundo lembra, na beira do açude, plantavam batata, milho, feijão, melancia, melão. Todos da família trabalhavam, estratégia costumeira nas famílias camponesas do Nordeste rural (Heredia, 1979).

Para Dona Socorro, as marcas de uma infância de trabalho estão no seu corpo e contam a sua história: "Por isso que eu sou corcunda assim, de trabalhar, nós trabalhávamos". Ela conta com orgulho e relembra que as crianças queriam ir para a roça "ajudar" o pai porque todas as outras meninas dos moradores iam para a roça. Uma socialização amparada na formação do caráter por meio do trabalho. As crianças "[...] tinham aquela influência de querer ir para a roça apanhar algodão, quando chovia plantavam o milho e feijão, capinavam, recapinavam, plantavam batata, arrancavam

batata". A noção de "ajuda" é desmontada pelo relato de Dona Socorro para quem as crianças, sem diferença de gênero, faziam de tudo. "Todo serviço da roça, a gente fazia".

Mas as suas marcas vão além do trabalho, como mostrou:

> Dona Socorro: Olha, eu vou mostrar uma coisa aqui. Nunca mostrei para ninguém, mas vou mostrar. Bota sua mão aqui. Aqui, olha.
> Pesquisadora: Eita, Dona Socorro, tem uma baixa.
> Dona Socorro: Foi que ele [o pai] que deu com o cabo de colher de pau. Está vendo aí?
> Pesquisadora: Tem uma baixa. Tem um buraco aqui.
> Dona Socorro: Eu digo, hoje em dia, qualquer coisa, o povo morre. Eu levo uma paulada dessa que ficou muito dia, assim, aquele tufado. Mas qualquer coisa, o povo morre, né?

Segundo lembra, ela e o irmão foram os que mais apanharam: "As outras não apanharam não, mas é porque nós merecíamos mesmo". Em contraste, critica os demais irmãos: "Chupavam dedo, era tudo chupando dedo. Eu nada, eu era danada, bichinha eu era danada". Os irmãos ficavam para trás, sem iniciativa, parados.

Embora a sociedade hoje questione os castigos físicos ou mesmo a violência contra crianças e embora exista legislação proibindo algumas práticas contra crianças, por muito tempo existiu na sociedade brasileira a crença de que a violência contra crianças era parte de um aparato pedagógico necessário para formar os sujeitos (Ricas; Donoso; Gresta; 2006).

Assim, quando Dona Socorro não questiona a violência a ela infligida por seu pai, que até hoje lhe deixa marcas e dores no corpo, ela ainda parece entender um código cultural que associa castigos à educação e à formação da pessoa. Acredita que foi assim que se tornou uma mulher melhor, pois enxerga a si mesma como tendo sido uma "menina malvada". Apesar disso, Ricas, Donoso e Gresta (2006) reforçam que os castigos físicos constituem uma forma de violência que prejudica as vidas das pessoas e uma violação de direitos de crianças e adolescentes. Contudo, por se tratar de uma prática que se consolidou na sociedade brasileira ao longo de décadas e até mesmo séculos, muitas pessoas ainda não conseguem desvencilhar-se dela, por acreditarem em seu poder pedagógico na formação dos filhos – por isso, chegam e exaltar o sofrimento delas mesmas na infância e na adolescência.

Dona Socorro afirma que, na sua infância, "a vida era sofrida, mas era muito boa". Antes de ir para a escola, tiravam o leite. Depois pilavam arroz e milho para fazer fubá para comer com a coalhada; torravam café para beber e gergelim para fazer o fubá. Ela fazia tudo isso, além da pesca e da roça. "Tudo isso nós fazíamos e ninguém morria". Com sua mãe, ela aprendeu a fazer queijo de manteiga e de coalho e manteiga de garrafa, que vendiam em litros.

Em casa, as tarefas eram demarcadas. Ao descrevê-las, Dona Socorro associa a pouca idade ao tamanho da tarefa: "Com cinco anos, a casa do meu pai era grande [...]. Eu varria todinha. Eu com cinco anos, todo mundo chegava lá e se admirava". Em contraste, Dona Socorro afirma que, "hoje em dia, o filho não pode fazer nada, o neto não pode fazer nada, que se fizer tem o conselho tutelar, tem, não é? Não pode, tudo é limitado". O contraponto expressa o reconhecimento do trabalho infantil organizado pelas famílias como parte da formação do caráter e da iniciação das crianças no trabalho como contribuição ao sustento do grupo doméstico (Neves, 1999).

Dona Socorro relata que as suas noites tinham momentos de brincadeiras, festas e trabalho. Como o pai pescava, ela o acompanhava; saíam de noite, de tardezinha para botar malhadeiras para pegar traíra[2], curimatã[3], piau[4] e pescada-branca[5]. Muitas espécies foram introduzidas de forma maciça nos reservatórios do Nordeste. O tucunaré[6], a pescada[7] e a tilápia[8] foram as espécies que melhor se estabeleceram e proliferaram nesses ambientes, favorecidas pelo processo de eutrofização da água, desencadeado por ações antrópicas decorrentes do crescimento da população nos arredores (Novaes *et al.*, 2015). Migradores de baixo nível trófico, como curimatãs (detritívoros e iliófagos) e piaus (herbívoros e onívoros), também eram produtos da pesca artesanal, conforme relatado por Dona Socorro. Essa diversidade de espécies, mimificando o ambiente natural, indica que o cenário da época era farto e ambientalmente amigável (Thomas *et al.*, 2021). Dona Socorro lembra que havia muito peixe no açude. Entre três e quatro horas da manhã, já desciam para ir despescar. "A família tratava e vendia o peixe, comia

[2] *Hoplias sp.*
[3] *Prochilodus sp.*
[4] *Leporinus sp.*
[5] *Plagioscion squamosissimus.*
[6] *Cichla spp.*
[7] *Plagioscion squamosissimus.*
[8] *Oreochromis niloticus.*

muito peixe também. Para conservar, tratavam o peixe e empilhavam salgado. Quando era no sábado, o carro vinha e levava".

A pesca artesanal é uma atividade comum nos reservatórios nordestinos, constituindo uma fonte de alimento e de renda para as famílias dos arredores, como nos relata Dona Socorro, cuja família usava a salga como método de conservação do pescado destinado à venda, aquele levado pelo carro no sábado. O pai, como proprietário dos apetrechos e com acesso ao açude, pescava, beneficiava e comercializava seus produtos por conta própria, com a família, sem subordinação (Silva *et al.*, 2009).

Segundo Dona Socorro, "assim ia levando a vida", uma vida que permitiu que o pai acumulasse terras e comprasse as vazantes vizinhas e depois uma fazenda na Boa Água. Por fim, eles tinham muito gado, ovelhas e porcos. De 15 em 15 dias, o pai matava um boi e dava para um vizinho. Ele salgava parte das carnes, e "todo dia tinha, estava lá quando queria comer, era ir lá e tirar um bocado".

Doar a vizinhos, naquele contexto, era sinônimo de fartura, mas também de dádiva, de manutenção de redes de reciprocidade que extrapolam os alimentos e garantem retorno. As doações entre vizinhos é um elemento de agrupamento social, pois, como argumenta Mauss (2008) no clássico estudo antropológico *Ensaio sobre a dádiva*, as dádivas trocadas criam alianças e reciprocidade social. Para Carneiro (1994), na organização da sociabilidade e da solidariedade entre vizinhos no Brasil, as trocas são um elemento importante de coesão social.

As lembranças das noites e dos finais de semana de brincadeiras e divertimentos na infância e na adolescência deixaram saudades para Dona Socorro: "Era muito bom. Aquela época não volta mais". Era um contraponto ao dia a dia de trabalho: "A vida que nós tínhamos era assim, pesada, não é?" Nos terreiros à noite, relata Dona Socorro, as meninas reuniam-se para distrair-se com brincadeiras como "meu lado direito", "cai no poço", "rouba bandeira", "marré, marré", "anel" e pular corda. As brincadeiras competitivas e cooperativas contribuem para aprender a fazer escolhas, a conviver, além de divertir e manter as crianças agrupadas sob o controle dos adultos.

Dona Socorro também recorda que, nos arredores do açude de Lucrécia, havia muita carnaúba porque era uma área que acumulava água. Na margem, foi construída uma escada muito alta de onde pulavam dentro da água. As crianças atiravam-se em sequência, mas Dona Socorro gostava de pular em cima delas. "Só faltava matar os

outros afogados. Aí elas ficavam tudo com medo. Não tinha mais quem quisesse ir tomar banho comigo porque eu era ruim". Ela reconhece que, na hora de brincar, ora era boazinha, tranquila, ora era muito má. Também gostava de pregar sustos nas pessoas.

Ela contou que um irmão matou uma cobra e a colocou no caminho de uma senhora que foi buscar água na cacimba. "Quando a mulher voltou, veio com a cabaça d'água e viu a cobra, gritou, caiu no chão, quebrou a cabaça e tudo". Nesse dia, seu pai deu-lhe uma "pisa" com uma rede malhadeira que tem chumbo nas extremidades. "Onde bateu o chumbo, ficaram 17 calos de sangue no corpo". Mesmo que o pai tentasse discipliná-la pelas surras, o efeito, segundo ela, era o contrário, e ela tornava-se pior.

Em sua fala, Dona Socorro contrapõe-se à sua narrativa anterior, em que defende os castigos físicos como método educacional familiar, pois agora argumenta que a violência sofrida não serviu para a sua suposta finalidade – educar –, uma vez que ela não modificou sua postura. Com base em diversos autores, Alves (2024) afirma que as investigações etnográficas revelam que brincar é comum entre as crianças em diversas sociedades, é um fenômeno universal que repercute no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. No caso de Dona Socorro, o brincar também fazia parte do aprendizado para a vida adulta.

Na cozinha, particularmente no preparo dos guisados, havia claramente um recorte de gênero: as meninas eram iniciadas na tarefa do preparo da alimentação, um dos pilares da esfera da reprodução; já os meninos agiam na esfera pública por meio da caça. Para Dona Socorro, os fins de semana eram especiais porque no sábado ou no domingo as crianças faziam guisado com galinha-d'água e preás caçados pelos irmãos. Assim, os meninos caçavam, e as meninas cozinhavam, pondo em prática a clássica divisão entre produção e reprodução que remete a uma tensa divisão do trabalho (Hirata; Kergoat, 2007). As mulheres ficavam responsáveis pelos saberes da cozinha e pelo preparo dos alimentos, por isso Dona Socorro era sociabilizada nas atividades domésticas e ensinada desde criança nesse sentido, para que pudesse desenvolver as habilidades que a família esperava dela, na divisão de gênero dos trabalhos (Santana, 2006).

Dona Socorro reunia as amigas e montavam uma cozinha com fogareiros e panelinhas de barro debaixo de pés de mulufungo. Tiravam madeira, rachavam a lenha e faziam tudo ali para preparar uma refeição no aprendizado das atividades domésticas

com autonomia, sem adultos. Segundo ela, “a comidinha de arroz ficava com cheiro de fumaça, mas era muito bom”. Uma vez ou outra, adultos chegavam para almoçar quando tudo estava pronto e, assim, demonstravam o apreço pela iniciativa e pelo aprendizado das crianças.

Além de comidas, as meninas faziam bonecas de sabugo de milho enrolado com papéis de confeito, na época do inverno quando o milho pendoava. Os sabugos preferidos eram aqueles com “cabelos” cheios e de diferentes cores. Também faziam casinhas e tinham bonecas de pano que a mãe costurava para cada uma das filhas brincar em casa. “Boneca de pano com os cabelos, desfiava aqueles panos pretos, fazia o cabelo”. Os relatos reiteram a socialização tradicional para os papéis atribuídos às mulheres – cuidar das casas e das crianças – e aos homens – atuar na esfera pública. Remetem também à imaginação e à imitação do comportamento dos adultos nos seus respectivos contextos.

São marcantes no relato de Dona Socorro as suas fugas para as festas dançantes que aconteciam na vizinhança, com um sanfoneiro que toda semana fazia festa. Ora ela ia na companhia do irmão, ora ia sozinha, mesmo enfrentando o medo de mal-assombrados pelo caminho. Segundo ela, o pai não a deixava ir às festas de jeito nenhum. Mas o quarto onde ela dormia com uma irmã tinha uma janelinha. “Aí, quando era de noite, eu pegava a mão de pilão, pegava uma coberta, não tinha aquelas cobertas de lã, aí eu enrolava, daí eu estava assim, pulava a janelinha, passava a noite todinha na festa”. A mãe ficava aflita e dizia “Socorro, seu pai ainda lhe mata”. Ela pensava baixinho “mas eu fui para a festa”. Ela passou por várias situações em que correu o risco de ser flagrada, mas sempre contornou o perigo na sua ânsia de ser livre e, por vezes, contou com a ajuda do irmão, que também gostava de dançar.

Dentre as lógicas excludentes de gênero que foram naturalizadas, sobretudo em alguns espaços das sociedades e entre pessoas mais velhas, destaca-se o reconhecimento pela sociedade do direito que toda família tem de exercer maior controle sobre as filhas. Uma jovem que frequentasse festas e gostasse de dançar poderia representar algum grau de perdas para si ou para sua família, de forma que, segundo uma lógica machista, os pais muitas vezes buscavam impedir a presença de suas filhas em festas dançantes.

Era naturalizada a aceitação da presença de homens em diversos espaços, até mesmo em cabarés, mas a ideia de moral exigida das mulheres vedava-lhes a presença em festas dançantes na comunidade, entre pessoas conhecidas dos familiares, e Dona

Socorro viveu essa experiência. De acordo com Lemaire (1994), até entre pesquisadores de Ciências Humanas, ainda é forte o discurso que essencializa, naturaliza e universaliza as mulheres, situadas assim em um patamar inferior ao dos homens. A linguagem e os estudos devem compreender e destacar as naturalizações de gênero presentes em discursos e práticas na sociedade.

Proibida de ir a festas, Dona Socorro relata a situação mais tensa que viveu. Um primo disse ao pai dela: "Manoel, mas rapaz, essa noite eu passei a noite todinha com a Socorro". E o pai respondeu bravo: "Com quem, homem?". O irmão acenou para ele e disse, para disfarçar: "Não, mas foi com a Socorro de Raimundo" (uma vizinha). Dona Socorro mantinha o irmão como cúmplice porque dispunha de dinheiro para pagar a entrada dele nas festas – quando só homens pagavam. Para ela, "naquela época não tinha maldade, o povo não tinha maldade. Você podia ir, passava a noite todinha na festa e voltava e não tinha maldade não. Hoje em dia....". Ela afirma que dançou "muito, muito, muito" e namorou com 64 rapazes, namoros bem diferentes dos atuais. Às vezes nem na mão o namorado pegava. Ir às festas, ter dinheiro para o irmão, namorar tantos rapazes e dançar muito são atos que expressam a ideia de independência que ela trazia dentro de si e da qual não abria mão, mesmo correndo riscos e tomando muitas surras.

À diversidade de brincadeiras e de divertimentos, Dona Socorro opõe o modo de viver de seus netos e netas: "Hoje em dia, não é? Só o celular, o celular, eu digo para as minhas netas, minha filha, vocês não vivem, não. Vocês vivem a vida dos outros".

No Nordeste, o início da vida escolar para as crianças que residiam em localidades mais afastadas era tardio e irregular. Assim, Dona Socorro foi para a escola quando tinha uns 10 anos e estudou até a quarta série. Segundo ela, naquele tempo, "estudava mesmo", para "fazer uma prova decorava seis folhas de papel, não era negócio de só marcar não, tinha que ler e decorar sem errar um número. Se errasse a colega estava com a palmatória. Tinha uns que batiam com tanta força". O uso da palmatória era prerrogativa também da professora, que poderia castigar quem fazia qualquer coisa errada na escola. Portanto, bater nas crianças era comum tanto em casa quanto na escola, como parte de um modelo disciplinar. Informar aos pais as indisciplinas, normalmente, provocava outro castigo corporal.

Após a 4.ª série, Dona Socorro estudou na cidadezinha vizinha, a sete quilômetros de onde morava. Uma turma ia a pé, saíam às 12 horas para chegar lá às 13 horas, quando a aula começava. O término era às 17 horas. Era uma légua de

caminhada. Quando o rio estava cheio, passavam pela ponte, mas ela tinha medo e caminhava sobre quatro pés. Embora fosse sofrido, Dona Socorro acha que "era muito gostoso".

Na sala de aula, ela brigava com as meninas, mesmo que a cadeira dela ficasse mais afastada; quando se aproximava dos outros, costumava beliscar, bater e arengar. As irmãs dela eram bem calmas, mas, quando chegavam a casa, relatavam ao pai o comportamento dela, e ela apanhava. "Eu era muito ruim, eu era muito danada". Na volta da escola, corria na frente, entrava debaixo do pontão (passagem de madeira) e, quando os outros passavam, corria atrás deles batendo com o cipó. Em casa, os irmãos também contavam tudo ao pai, e ela apanhava! "Eu era ruim, era muito danada".

> Era eu e meu irmão. Daí nenhuma das professoras queria nos aceitar, porque nós éramos danados demais. Era muito danado. Aí não queria sentar. Sabe que naquele tempo era por isso que nós apanhávamos. No dia que não levava uma pisa, nós ficávamos alegres. Hoje ele me pergunta: o que é que nós aprendemos?

Como já dito, prevalecia a lógica segundo a qual os castigos físicos eram considerados uma parte indissociável da educação, como se fossem uma parte natural do processo. Não se lançava um olhar crítico para os danos causados no processo de aprendizagem; naquela época, os direitos de crianças e adolescentes eram menosprezados, a importância de sua definição perante a sociedade não era evidenciada. Quando rememora um diálogo com seu irmão, Dona Socorro questiona o recurso aos castigos físicos e chega à conclusão de que não aprendiam nada desse modo. Tais "métodos", portanto, não deveriam ter sido utilizados em nenhum tempo.

"Sempre meu sonho foi viver independente"

Dona Socorro relata com orgulho que, ainda que trabalhasse com a família, desde jovem já apreciava ter o seu dinheiro. Segundo suas lembranças, com 10 anos, quando amanhecia o dia, ela saía comprando ovo nas vilas vizinhas para vender no trem. O trem parava na frente da casa dela porque o pai tinha muito prestígio e conseguiu a parada da Maria Fumaça. As pessoas já sabiam e procuravam por ela já perguntando "Cadê o ovo?" O trem parava uns 10 minutos, e ela vendia todos os ovos.

Na semana seguinte, ia comprar os ovos de novo para vender.

Também vendia melão das vazantes cortado em fatias. O dinheiro era dela, e ela guardava para comprar roupa porque, naquela época, os pais compravam roupa uma vez por ano para os filhos. Mas ela comprava roupa sempre que queria, porque tinha o próprio dinheiro, vivia independente. “Meu dinheiro era meu”, afirmou Dona Socorro, que ainda vendia pamonhas feitas pela mãe. “A gente trabalhava, todo mundo trabalhava, todo mundo era feliz da vida”. De um modo ou de outro, Dona Socorro contava com o aval da família para trabalhar individualmente quando se apaixonou pelo comércio, atividade que marca toda a sua vida.

As irmãs e Dona Socorro permaneceram em casa trabalhando enquanto os irmãos foram estudar em Mossoró. Elas ficaram na luta porque mulher, naquele tempo, tinha de ficar em casa, debaixo da ordem do pai. Ele era ignorante mesmo, afirmou ela; não queria que as filhas vivessem na casa dos outros.

Na escola, ela estudou até os 17 anos, naquela época era preciso estudar para ser promovido. “Lá você só passava se você aprendesse”. Com essa idade, Dona Socorro continuava tendo seu próprio dinheiro. Como dava dinheiro a um irmão, ele a levava para as festas. Mas, para outras, ela fugia sozinha porque gostava muito de dançar e, mais do que tudo, gostava de ser autônoma, independente. A aliança entre dinheiro e autonomia foi analisada por Fernandes e Mota (2014) em um estudo sobre mulheres extrativistas no Pará. As autoras concluíram que o dinheiro não garante a autonomia, mas a facilita. Nascimento e Mota (2020) fizeram a mesma constatação entre as mulheres que têm contrato para a produção de dendê.

Dona Socorro ficou na casa da família até os 19 anos, quando fugiu para casar com um primo, à revelia do pai. Ficou comprovado, para ela, que o pai era “um homem muito valente, mas não me dobrou”. Segundo as suas próprias contas, ela namorou com 64 rapazes e casou com o 65.º. Dona Socorro fugiu, casou, e nunca mais o pai lhe dirigiu palavra. O casal foi morar na cidade onde o marido tinha uma fábrica de sabão, e ela passou a ter o apelido de Socorro do Sabão porque trabalhava na fábrica. Ela lembra que mexia uma caldeira de sabão com dois mil quilos de calda. “Aquela Socorro que tinha seu dinheiro, que gostava da autonomia, quando casou, se acabou”, revela. Após dez ou doze anos de casada, separou-se e foi embora com os cinco filhos, porque não aguentava mais tanto “desmantelo”. “Tudo que ele pegava era para jogo, mulher e cachaça. Aí foi meu irmão, esse meu irmão que era médico, foi lá e disse ‘Socorro, vou

lhe levar'. Aí pegou, me levou e eu fui".

Dona Socorro atribui as dificuldades enfrentadas no casamento e na dependência financeira e afetiva à sua ruindade no passado. Ela crê que se redimiu após o nascimento da primeira filha: ficou "uma seda". "Nunca mais eu fui aquela pessoa má". Mesmo assim, dependendo do marido, sentia-se mal porque não tinha o próprio dinheiro. Entretanto, com a morte do pai, ela herdou cerca de setenta cabeças de gado e uma área de terra com um engenho para fazer rapadura. Já separada, montou a sua fábrica de sabão em uma casa alugada, que depois comprou com o dinheiro da venda do terreno.

Na maioria dos casos, a falta de independência financeira constitui um fator de aprisionamento da mulher. Dona Socorro gostava de ganhar o seu dinheiro e de administrá-lo por conta própria. Era uma maneira de romper com sistemas patriarcais que a colocavam em uma condição de dependência, não apenas econômica. Sobretudo até o século XX, mas ainda no século XXI, as mulheres foram educadas de forma diferente dos homens. Para a historiadora Michelle Perrot (1992), as concepções de homem e de mulher nos séculos XVIII e XIX – e que se estendem até o XX – são tão díspares que fazem parecer que se trata de duas espécies diferentes; desconsideram-se inclusive as diversidades sociais nos gêneros.

Após sete anos de seca no Nordeste[9], Dona Socorro revela ter enfrentado muitas dificuldades devido à crise da economia. Um amigo que comprava farinha no Pará sugeriu que ela migrasse para Capitão Poço, considerando que ela era muito trabalhadora. Ela vendeu tudo, migrou e instalou uma banca de jogo do bicho. Ficou, então, conhecida como Socorro do Bicho. Paralelamente, negociava com farinha, pimenta-do-reino e malva. Entre desejos de voltar e de ficar, comprou terrenos e gado. Casou mais uma vez, adoeceu e foi para o Nordeste. Separou-se novamente, vendeu o terreno, comprou uma casa e voltou a negociar. "Vendia tudo. Tudo que só não tinha bainha para foice, mas tudo que procurasse, coisa de criança. Mas tinha tudo. Vendia tudo".

Após um período dedicado ao comércio de varejo, Dona Socorro decidiu vender tudo e retomar o trabalho com a terra. Conseguiu reaver a autonomia e a independência, mas sob orientação divina – como relata e em um momento no qual as contas de um passado considerado de ruindades tinham sido pagas com o sofrimento do casamento e

[9] Pela cronologia dos eventos narrados, Dona Socorro deve referir-se ao período histórico da seca de 1979 a 1984, o mais prolongado e abrangente, que ocasionou miséria e fome em todos os estados do Nordeste (Silva *et al.*, 2013).

das dificuldades econômicas. O nascimento da filha é o divisor de águas de um novo tempo.

A maternidade marca um rito de passagem nas sociedades ocidentais, o qual faz com que a mulher-mãe seja percebida como inserida em um novo contexto social. Na análise de Van Gennep (2013), os ritos de passagem redefinem lugar social, posição, práticas, territórios e códigos ético-morais nas sociedades e celebram um momento especial nas vidas dos sujeitos.

Nesse sentido, para Dona Socorro, a maternidade assinalou um novo momento em sua vida. Ao assumir o papel de mãe, sacralizado no cristianismo ocidental, ela reivindica determinadas prerrogativas sociais e passa a exigir de si mesma práticas e planejamentos condizentes. Ela que, ao longo de sua vida, muitas vezes burlou, contornou ou transgrediu os impedimentos de gênero ou econômicos que lhe eram impostos, agora afirma que o nascimento da filha representou sua inserção em uma nova realidade e o começo de um novo tempo em sua vida.

"Tudo graças a Deus": conversão religiosa e novos caminhos

Dona Socorro vive na cidade de Capitão Poço no terreno que comprou há 22 anos e que comporta uma casa e toda a estrutura de criação de alevinos. A casa localiza-se numa das ruas asfaltadas que permitem o acesso à sede municipal, e o terreno, em formato retangular, é bem comprido, nos fundos chegando até o igarapé.

A ideia de criação de peixes foi inspirada nos sonhos de um filho, parceiro na atividade, sobre o encontro de uma botija no terreno. Relata Dona Socorro:

> Ele ouviu Deus aconselhar que devia criar peixes. Aí ele foi, ele tem umas visões. Graças a Deus, quando é para as coisas assim, uma coisa para ele, ele ora e Deus mostra para ele. Aí ele mostrou ele cavando os buracos. Aí ele cavando e nós sempre, o que é, Márcio, você está cavando? Nada, nada não. Aí depois Deus disse para ele que era esse tanque aí. Ele ia criar peixe. E antes, quando eu morava no Nordeste, eu já sonhava com esses tanques. Acredita?

Mesmo com a considerada inspiração divina, Dona Socorro confessa que já sonhava com os tanques:

> Só não sabia onde era, nem como era, mas eu sonhava eu botando ração para os peixes e andando assim, do jeito que tem aquele caminho ali, eu sonhava eu andando lá. Sonhei umas cinco ou seis vezes lá no Nordeste. E veio se concretizar aqui. Quando eu morava no Nordeste, eu já tinha esse sonho.

O sonho da criação e a ação divina foram determinantes para o início da atividade porque Deus atua como um conselheiro que mostra com segurança o que um dos seus filhos deve fazer. E o conselho coincide com o sonho. Portanto, houve, ao mesmo tempo, uma paixão e uma orientação divina:

> Aí foi aí, quando Deus está no controle das coisas, irmã, tudo dá certo, tudo é... Não adianta você se desesperar não, que Deus está no controle, acontece as coisas quando Deus quer. Quando Deus lhe prometeu uma coisa, não se apresse, porque se Ele lhe prometeu, vai se cumprir.

Por isso, para Dona Socorro, criar peixes é uma missão de vida: "Se você me tirar desse peixe aí, você me mata". A vida dela passou a assumir um outro caráter em virtude da sacralização de seu cotidiano. Ries (2008) afirma que o sagrado está fortemente entranhado nas sociedades cristãs, a ponto de assumir, em muitos casos, a forma concreta de uma teofania que não se limita à compreensão da divindade, mas alcança situações cotidianas, nas quais se entende que o deus dos cristãos determina algo e faz acontecer nas atividades de um sujeito, como o que ocorre com Dona Socorro.

Dessa forma, a criação de peixes de Dona Socorro torna-se um dever cristão, uma vez que ela acredita que o trabalho foi determinado por Deus e que Ele fará então com que a piscicultura prospere. Portanto, Dona Socorro já não faz mais escolhas no desenvolvimento de suas atividades, pois precisa cumprir a "missão" que recebeu de Deus e, ao mesmo tempo, tem a certeza de que obterá sucesso em sua empreitada.

Ela trabalha com os alevinos, maneja a água, compra e vende. "Esse peixe é muito bom, muito bom o peixe. Tenho muito peixe, graças a Deus". Para além do divino, a vida com a piscicultura e a família tomou novo rumo: "Eu sou muito feliz com essa vida", exclama Dona Socorro. E a felicidade atual contrasta com o passado: "[…]

meu Deus, meu marido não prestou, não, mas graças a Deus os filhos que eu tenho, irmão, cada mãe que tivesse uns filhos desses podia botar a mão com o seu e dizer assim: 'Deus, muito obrigada'".

Embora Dona Socorro tenha uma trajetória de trabalho marcada por diversas atividades, o comércio está na base, e ela confessa a sua predileção, provavelmente porque lhe permite autonomia no controle do tempo. A criação de peixes, por um lado, ensejou uma mudança em sua condição econômica, permitindo-lhe oferecer um bem-estar maior a seus filhos; por outro, é uma atividade flexível que alia comércio, criação e o trabalho "em casa", como observado em outras situações (Quddus *et al.*, 2018). No caso de Dona Socorro, tornou-se a principal fonte de renda.

Em contraste com o Nordeste brasileiro, na Amazônia existe uma enorme disponibilidade de água, além de condições climáticas que favorecem a piscicultura, sobretudo a baixa oscilação de temperatura (Mikkola,2024). O sonho com a botija enterrada levou o filho de Dona Socorro a começar a escavação de viveiros no próprio terreno da família, manualmente, alimentando os peixes por meio do bombeamento da água do igarapé ao fundo, na parte mais baixa do terreno. A venda de alevinos compensa o custo com a energia elétrica. Dona Socorro não produz os alevinos (não tem laboratório de reprodução de peixes), mas compra incubadoras inteiras de larvas de peixes vindas do Maranhão e faz a recria para a revenda dos alevinos aos piscicultores locais, que oportunamente preferem peixes maiores, com menor mortalidade. Dificuldades com o manejo da água e a presença de predadores justificam a preferência dos compradores. Nos viveiros de Dona Socorro, os peixes são distribuídos por tamanho, referência que utiliza para estabelecer o preço. Quanto maior o alevino, maior o preço. E ela administra a compra, o manejo e a venda entre idas e vindas da casa para os tanques. Rompe, assim, com uma tradição que atribui às mulheres um eventual arraçoamento dos peixes durante o ciclo reprodutivo e o seu preparo (pós-despesca) para a alimentação da família (Quddus *et al.*, 2018). Para Dona Socorro não foi assim, uma vez que sua perspicácia para o comércio a direcionou para o mercado de alevinos, cuja demanda era crescente na região no início dos anos 2000. Na venda, ela acompanha a despesca, conta os alevinos um a um e dá preço ao lote. Toda a negociação é feita diretamente com ela que, agora aos 75 anos, "sempre trabalhou com negócios".

Para o futuro, Dona Socorro quer viver até quando o neto, que estuda Medicina na Argentina, terminar o curso: "quando ele formar, daí Deus faça de mim o que quiser.

Só quero alcançar a sua formatura". Em suas palavras: "Meu futuro é isso mesmo, até você sabe que o dia da manhã a Deus pertence, né? Mas o plano da gente é viver, ter saúde, que Deus dê saúde e se pelejar, né?"

Considerações finais

Nossa protagonista, Dona Socorro, é uma mulher de experiências que nos permitem compreender tempos, espaços e territórios ao olharmos para sua vida. Ela traz em si as dinâmicas socioculturais e econômicas de seus tempos de vida, as reinventa, porém, burlando-as e contornando-as de modo a agir como a construtora de sua trajetória, a despeito de muitas imposições de gênero ou econômicas que teve de enfrentar. Viveu no Nordeste brasileiro e vive no Nordeste paraense, agindo no tempo, nas sociedades e reconstruindo suas próprias experiências.

O texto é sobre ela e sobre tempos, grupos sociais e sociedades. Em suas vivências visualizamos os desafios de mulheres do campo, em sociedades ainda marcadas muitas vezes por diversas formas de violências conta mulheres e pela exclusão. Também fala sobre como pensar o campo, como defender ideias, e de mulher, como ela, que vivem no campo, como pescadoras, piscicultoras, agricultoras, professoras, comerciantes, e que são tantas vezes invisibilizadas de tantas formas, como a da coletivização intensa. Mulheres como Dona Socorro não são uma voz coletiva, elas agem na sociedade, mesmo em meio às dificuldades e trazem em cada uma delas, os desafios coletivos em uma sociedade.

Dona Socorro reconhece que teve muitas experiências e que oscilou entre uma *criança má* e *uma boa mulher*, particularmente com o advento da maternidade. Mesmo que na sua narrativa predomine *a orientação de Deus* para os acertos, o *aprendizado* é oriundo *da luta, da dificuldade*. Portanto, Deus oferece a direção, e o agir seria de cada um. "*Primeiro lugar, eu boto Deus*. Tudo que eu vou fazer, a primeira coisa, eu oro a Deus, peço a direção dele, peço pra ele me mostrar se dá certo, se não dá. E tudo é com Deus, minhas coisas são com Deus. Aí vai dando tudo certo, graças a Deus".

Cada expressão em itálico, no parágrafo acima, é o destaque que ela própria atribui a alguns aspectos de sua trajetória e que acabam por demarcar fases importantes que funcionam como elos, ritos de passagem ou definidores de novas perspectivas e percepções. Os paradoxos relativos a educação, castigos físicos, religiosidade, moral,

ética são parte de uma mulher que teve de lidar com tempos, sociedades e espaços, sempre buscando apresentar-se como responsável por si e por suas próprias decisões.

Nas reflexões de Dona Socorro, sobressai o *viver independente*, sem precisar de marido para nada, muito embora percalços existam, e ela os vivenciou. Mas a valorização de *fazer o que gosta* encontra amparo, em diversos momentos, em uma espécie de missão divina que lhe foi dada, como a maternidade e a criação de peixes. Como mulher que assumiu uma religiosidade, como fiel de uma igreja cristã, em um momento de sua vida, essas missões deram-lhe a oportunidade de seguir o plano divino, em uma teofania que reconstrói sua vida, dando-lhe novos significados.

Futuro nas mãos de Deus é a chave para o desfecho de sua vida no tempo presente, em que já não se vê mais como a menina má, mas como a mãe consagrada, empreendedora, que foi guiada por esse deus para vencer etapas difíceis de sua existência e chegar a uma mais tranquila, em que olha para trás e vê a si mesma como vitoriosa em meio a muitas dificuldades.

Ela acena constantemente ao sagrado como referência para suas ações. Não tivemos como separar o sagrado, como tema, devido a força em suas falas e também por atravessar as experiências de tantas outras pessoas no campo e também nas cidades. O Deus do cristianismo é para ela a explicação de transformações positivas em sua vida e onde ela traduz a força de tantas mulheres que como ela, viveram na invisibilidade social, no não acesso e construíram suas vidas.

O recurso à entrevista como experiência e testemunho para rever a realidade social justifica-se, portanto, nas narrativas, trajetórias e experiências de Dona Socorro, que rememora a si mesma e nos possibilita analisar aspectos importantes da sociedade e compreender como mulheres que surgem em contextos desfavoráveis e excludentes reconstruíram seus próprios caminhos, mesmo diante das condicionantes históricas.

Referências

ALVES, Daniela. *Brinquedos e brincadeiras de príncipes e princesas no Antigo Convento do Carmo*. Revista Cadernos do Ceom, Rio de Janeiro, v. 37, n. 61, p. 159-174, 2024. DOI: https://doi.org/10.22562/2024.61.11.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: *lembranças de velhos*. 15. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

CARNEIRO, Maria José. *Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social de gênero*. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 11-22, 1994. Disponível em: https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/21/23. Acesso em: 12 nov. 2017.

DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FERNANDES, Thiara; MOTA, Dalva Maria [da]. *"É sempre bom ter o nosso dinheirinho": sobre a autonomia da mulher no extrativismo da mangaba no Pará*. Revista de Economia e Sociologia Rural, Piracicaba, v. 52, n. 1, p. 9-24, jan./mar. 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-20032014000100001.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. *In*: GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. 1. reimpr. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. p. 143-179.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. *A morada da vida*: *trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*. Cadernos de Pesquisa, [*s. l.*], v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria.* Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2002.

LEMAIRE, Ria. *Repensando a história literária*. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 58-71.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva***.** Coimbra, Edições 70, 2008.

MIKKOLA, Heimo. *Aquaculture and fisheries as a food source in the Amazon region - a review*. Food & Nutrition Journal, 2024.

NASCIMENTO, Diocélia; MOTA, Dalva Maria da. *Mulheres na dendeicultura paraense: possibilidade de autonomia.* Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 721-743, out. 2020. DOI: https://doi.org/10.36920/esa-v28n3-10.

NEVES, Delma Pessanha. *A perversão do trabalho infantil*: *lógicas sociais e alternativas de prevenção*. Niterói, Intertexto, 1999.

NOVAES, José Luís Corrêa; FREIRE, Antônia Elissandra; AMORIM, Rosanny Reis de Abreu; COSTA, Rodrigo Silva da. *Diagnóstico da pesca artesanal em um reservatório do semiárido brasileiro.* Boletim do Instituto de Pesca, [São Paulo], n. 41, p. 31-42, 2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. 4. ed. rev. São Paulo, Unesp, 2023.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História*: *operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

QUDDUS, Abdul; JUI, Nusrat Zahan; RAHMAN, K. M. M.; RAHMAN, Mizanur. *Gender role in pond fish culture in terms of decision making and nutrition security*. *T*he Bangladesh Journal of Agricultural Economics, [*s. l.*], v. 38, n. 1-2, p. 55-71, 2018. DOI: 10.22004/ag.econ.279933.

RICAS, Janete; DONOSO, Miguir Terezinha Vieccelli.; GRESTA, Mona Lisa Maria. *A violência na infância como uma questão cultural*. Texto & Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 151-154, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/m4LN5G9kvr5sZ9kPNKLpCxb/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 8 mar. 2026.

RIES, Julien. *O sentido do sagrado nas culturas e nas religiões*. Aparecida, Ideias & Letras, 2008.

SANTANA, Mônica Cristina Silva. *Muito trabalho, pouco poder: participação feminina mitigada nos assentamentos rurais do estado de Sergipe*. In: GROSSI, Miriam P.; SCHWADE, Elisete (org.). Política e cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade. Blumenau, Nova Letra, 2006. p. 47-70.

SILVA, Virgínia Mirtes de Alcântara; PATRÍCIO, Maria da Conceição Marcelino; RIBEIRO, Victor Herbert de A.; MEDEIROS, Raimundo Mainar de. *O desastre seca no Nordeste brasileiro*. Polêm!ca, [Rio de Janeiro], v. 12, n. 2, p. 284-293, abr./jun. 2013.

SOARES, Marlene Yara Tenório; CARVALHO, Rodrigo Guimarães de. *Gestão dos recursos hídricos e conflitos no semiárido: estudo do caso do Açude Lucrécia, estado do Rio Grande do Norte*. Revista GeoInterações. Assú, v. 6, n. 1, p. 57-76, jan./dez. 2022. Disponível em: https://homologacaoperiodicos.apps.uern.br/index.php/RGI/article/view/4445. Acesso em: 8 mar. 2026.

SOIHET, Rachel. *História das mulheres e história de gênero: um depoimento*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 11, p. 77-87, 1998.

THOMAS, Marielle; PASQUET, Alain; AUBIN, Joël; NAHON, Sarah; LECOCQ, Thomas. *When more is more: taking advantage of species diversity to move towards sustainable aquacultur*e. Biological Reviews, [*s. l.*], v. 96, n. 2, p. 767-784, April 2021. DOI: https://doi.org/10.1111/brv.12677.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis, Vozes, 2013.